

Fernando Pessoa

### III — De quem é o olhar

III

De quem é o olhar  
Que espreita por meus olhos?  
Quando penso que vejo,  
Quem continua vendo  
Enquanto estou pensando?  
Por que caminhos seguem,  
Não os meus tristes passos,  
Mas a realidade  
De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra  
Do meu quarto, quando eu  
Para mim próprio mesmo  
Em alma mal existo,  
Toma um outro sentido

Em mim o Universo —  
É uma nódoa esbatida  
De eu ser consciente sobre  
Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas  
E não houver apenas  
A vaga luz de fora —  
Não sei que candeeiro  
Aceso onde na rua —  
Terei foscos desejos  
De nunca haver mais nada  
No Universo e na Vida

De que o obscuro momento  
Que é minha vida agora.

Um momento afluyente  
Dum rio sempre a ir  
Esquecer-se de ser,  
Espaço misterioso  
Entre espaços desertos  
Cujo sentido é nulo  
E sem ser nada a nada.

E assim a hora passa  
Metafisicamente.

s. d.

«Episódios — A Múmia». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15<sup>a</sup> ed. 1995): 64.

1<sup>a</sup> publ. in **Portugal Futurista**, n<sup>o</sup> 1. Lisboa: 1917.